



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS IRMÃOS RELIGIOSOS DOS INSTITUTOS
CLERICAIS E LAICAIS DE ROMA**

Sábado, 12 de Janeiro de 1980

Filhos caríssimos!

1. É-me verdadeiramente grato encontrar-me convosco esta manhã na familiaridade desta Audiência. Atribuo a este colóquio, particular importância de significado e de afecto. Na realidade, ele hoje é todo para vós, Irmãos leigos das várias Congregações, cujo contributo é tão importante para a vida e para a actividade das respectivas Famílias religiosas, e, mais em geral, para a vida da Igreja inteira. E, ao receber-vos, é minha intenção salientar o apreço que a Igreja nutre pela vossa função, e dar espaço a algumas reflexões que ponham em luz os aspectos próprios da vossa opção de vida.

Ao abrir-vos, pois, as portas da minha casa, Irmãos caríssimos, abro-vos de par em par também as do meu coração e dirijo-vos uma saudação afectuosa que, mediante as vossas pessoas, pretende chegar a todos os Religiosos leigos espalhados pelo mundo, e levar-lhes o testemunho da minha sincera estima e do meu elevado apreço.

2. Vós sois chamados a caminhar rumo à perfeição sobre a vida dos conselhos evangélicos, professados com generosa totalidade de compromisso. De facto, vós sois «Religiosos» a pleno título. O Concílio Vaticano II, como sabeis, afirmou solenemente o princípio segundo o qual a vossa escolha de vida «constitui em si um estado completo de prática dos conselhos evangélicos» (Decreto *Perfectae Caritatis*, 10) e empregou uma palavra particular para «vos confirmar» na vossa vocação (Cfr. *ibid.*), a fim de que, da renovada «segurança» sobre a validade do vosso compromisso pudesse derivar uma consolidação dos propósitos e um impulso mais generoso de dinamismo criativo.

Revivei, portanto, em vós *a consciência e a alegria do vosso estado de pessoas consagradas: Cristo deve ser o objectivo e a medida da vossa vida*. Do encontro com Ele teve origem a vossa vocação: a fé n'Ele determinou o «sim» do vosso compromisso, a esperança da sua ajuda ampara agora o perseverante cumprimento do mesmo, o amor que Ele acendeu nos vossos corações alimenta o impulso necessário para superaras inevitáveis dificuldades e para a quotidiana renovação da vossa oferta:

3. Em Cristo, que «por nós homens e pela nossa salvação desceu do céu», vós descobristes também a razão profunda do vosso dar-vos aos irmãos. Este é um ponto que merece um momento de reflexão. A vossa consagração religiosa não só reforçou o dom baptismal de união com a Trindade, mas chamou-vos a maior serviço ao povo de Deus.

Vós deveis viver o vosso serviço, qualquer que ele seja, com a alma aberta sobre toda a Igreja: para a sua vida contribuís com a vossa actividade e com o vosso testemunho (Cfr. *Lumen Gentium*, 44). Aqui é oportuno descer ao concreto, na tentativa de esclarecer algum aspecto característico da riqueza que para a Igreja representa a vossa vida religiosa laical.

A vossa *profissão religiosa coloca-se, antes de tudo, na linha da consagração baptismal*, e exprime a bipolaridade do sacerdócio universal, que se funda em tal consagração. Na vida religiosa laica, de facto, realiza-se a oferta do sacrifício espiritual, o exercício do culto em espírito e verdade, a que é chamado cada cristão; ao mesmo tempo, nela ressoa perante o mundo a proclamação claríssima das maravilhas da salvação. Uma direcção dupla, portanto, para Deus e para os homens, caracteriza a vossa vida; e na base de uma e outra está o mesmo e único sacerdócio baptismal, numa e noutra exprime-se o mesmo amor difundido pelo Espírito no coração (Cfr. *Rom. 5, 5*), em ambas é vivido em plenitude o idêntico carisma do «laicado», conferido pela graça dos sacramentos da iniciação cristã.

Mais ainda, o Decreto *Perfectae Caritatis* indica uma forma particular de «serviço eclesial» que os religiosos leigos são chamados a realizar. Eles participam de maneira utilíssima «na missão pastoral da Igreja na educação da juventude, na assistência aos doentes e noutros ministérios» (*Perfectae Caritatis*, 10), que não são ulteriormente especificados, mas que cada um de vós pode bem exemplificar, pensando na actividade que desempenha. Pois, é importante que cada um de vós tenha plena consciência do carácter *essencialmente eclesial* do próprio trabalho, qualquer que ele seja.

Isto é sobretudo verdade segundo o dinamismo interior da graça, porque a vossa consagração religiosa, por sua natureza, orienta para a vida do Corpo místico todas as formas de actividade, para as quais sois chamados em virtude da obediência. O fiel sabe bem que a importância do próprio contributo para a vida da Igreja não depende tanto do tipo de actividade que desempenha, quanto, de preferência, da carga de fé e de amor que ele sabe depor no cumprimento do próprio serviço, por muito humilde que ele possa parecer.

Desejo pois sublinhar a «complementaridade» que existe entre o vosso testemunho e o do laicado «secular». O testemunho dos leigos, que vivem no mundo, pode ser útil para vos recordar que a vossa consagração não deve tornar-vos indiferentes à salvação dos homens nem ao progresso terreno, que é também querido por Deus. Por outro lado, recípro-camente, ao laicado comprometido no mundo, o vosso testemunho pode recordar convenientemente que o progresso terreno não é fim em si mesmo.

Isto coloca-vos, se me é consentida a expressão, no ponto de «soldadura» entre realidades humanas e eclesiais, entre reino do homem e Reino de Deus; com as vossas tarefas materiais que condicionam o bom andamento da Comunidade inteira, com o vosso serviço apostólico ao lado dos Irmãos sacerdotes, com a vossa presença no mundo da escola, do trabalho e da tecnologia, vós sois chamados a desempenhar uma tarefa de ligação quer no interior das respectivas Famílias religiosas, em vista de melhor unidade orgânica, quer no mundo exterior das profissões e do trabalho, onde podeis desempenhar um papel importantíssimo para favorecer uma aproximação daqueles ambientes, à Igreja.

4. E claro que a delicadeza de uma posição como esta traz consigo também riscos: subsiste sempre, de facto, a tentação de perder de vista «coisas eternas», do «laicismo», deixando arrefecer as relações vitais com Deus e perdendo assim o contacto com a Fonte, de que deriva o alimento e o apoio de cada actividade.

O vosso trabalho, realmente, torna-se expressão viva da consagração ao Senhor apenas se é referido de modo explícito a Ele, com um propósito conscientemente renovado de vida consagrada. Isto supõe, antes de tudo, uma revisão quotidiana de vida sobre a fidelidade aos compromissos assumidos com a profissão religiosa. Sede generosos, filhos caríssimos, a corresponder à voz de Cristo que vos chama a segui-1'O de perto, mediante a prática da pobreza, da castidade e da obediência.

5. Sabei, além disso, conservar aquele «primado da vida espiritual» de que fala o Decreto *Perfectae Caritatis* (Cfr. *Perfectae Caritatis*, 6). A vida interior alimenta-se — é ali recordado — mediante o recurso assíduo às fontes genuínas da espiritualidade cristã, que são a Sagrada Escritura e a Liturgia.

A propósito desta última, recordai sempre que a participação consciente na oração litúrgica vos ajudará a compreenderdes mais a fundo vós mesmos e o sentido da vossa presença na Igreja. É necessário acrescentar, todavia, que tal participação não seria possível se faltasse o hábito da oração individual. É preciso que cada um aprenda a rezar também dentro de si e por si mesmo. A devoção pessoal, a meditação cultivada na intimidade do próprio espírito, o colóquio filial e espontâneo com Deus Uno e Trino, que reside nas profundidades da alma, constitui o pressuposto de uma oração autenticamente litúrgica.

Desejo indicar ainda uma condição para a autenticidade do vosso testemunho e para a sua plena eficácia apostólica: oferecer a vossa adesão cordial e responsável à vida comunitária religiosa é expressão concreta de amor pelos outros, e é segredo de maturação pessoal serena e harmoniosa. A aceitação do irmão com as suas qualidades e com os seus limites, o esforço de coordenação das próprias iniciativas com as decisões maturadas em conjunto, a autocrítica imposta pelo confronto contínuo com os critérios e os pontos de vista alheios, tornam-se não só um efficacíssimo exercício de virtudes humanas e cristãs, mas também, uma ocasião preciosa de constante verificação da seriedade com que nos empenhamos a traduzir na vida as obrigações assumidas na profissão religiosa.

6. Filhos caríssimos, que despendeis as melhores energias da mente e do coração na educação da juventude; e vós que fraterna e pacientemente vos dedicais ao cuidado dos enfermos, vendo neles Cristo que sofre (Cfr. *Mt. 25, 36*); e vós ainda, que prestais a vossa obra, tão preciosa quanto humilde, junto dos Irmãos sacerdotes, sede conscientes da particular missão a vós confiada pelo Senhor na vida da Sua Igreja.

Sabei cultivar uma espiritualidade que, abrindo-se à percepção da acção de Deus no mundo, assuma responsabilmente a tarefa de cooperar para o cumprimento dos seus desígnios de salvação. Vós deveis utilizar todos os recursos da vossa perspicácia para captar as exigências dos homens, vossos contemporâneos, para depois procurardes corresponder-lhes com toda a riqueza do vosso coração. Compete a vós empenhar-vos por fazer frutificar todos os dotes da vossa inteligência, afim de que o vosso serviço seja cada vez mais qualificado e, por conseguinte, mais digno daquele Jesus, que vós sabeis encontrar em cada irmão, para o qual vos dirigis impelidos pelo amor.

E sede alegres no exercício quotidiano das vossas tarefas, porque está escrito que *Deus ama quem dá com alegria (2 Cor. 9,7)*. Com este voto, confio os generosos propósitos que guardais nos vossos corações à maternal intercessão da Virgem Santíssima, vossa particular Padroeira e contínuo modelo na vida escondida de Nazaré; e, ao invocar sobre vós e sobre o vosso trabalho abundantes dons e confortos celestes, a todos concedo a minha Bênção Apostólica, como penhor da minha especial benevolência.

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana